

4. Quem são essas famílias?

Esse capítulo tem o objetivo de mapear as famílias que compuseram o universo da pesquisa. A pretensão aqui não é abordar famílias das camadas populares e nova classe média unicamente pela via da categorização socioeconômica, mas, também se ocupar dos “processos domésticos e cotidianos pelos quais projetos e estratégias familiares são elaborados e postos em prática” por determinados segmentos da chamada “nova classe média”, ou classe média emergente. (NOGUEIRA, 1995)

Para tal, inicialmente são evocados alguns autores que nos ajudam a compreender o fenômeno da dita “nova classe média” discutindo a validade deste termo. Em seguida, é apresentado um perfil demográfico, socioeconômico e ocupacional das famílias investigadas.

4.1 De que camadas populares e nova classe média nós estamos falando?

Quando falamos hoje em camadas populares e classe média nos esbarramos na dificuldade de precisar suas características. Para além da renda e/ou posse de bens é preciso levar em consideração seus valores como expectativas, desejos e visão de mundo.

“Definir ‘classes’ é muito mais que definir renda, pois devemos tratar de status social sempre de forma relacional; para definirmos ou classificarmos as identidades de grupos ou estratos sociais, precisamos muito mais do que renda ou tipo (ou intensidade) de consumo.” (YACCOUB, 2011, p.208)

Na verdade, Yaccoub acredita não existir uma nova classe média, e sim uma classe que mudou seus padrões de consumo à moda do consumo da classe média tradicional.

As mudanças na economia Brasileira nos últimos quinze anos, vêm transformando as práticas de consumo das chamadas camadas populares. Hoje, indivíduos com uma baixa renda conseguem consumir produtos e serviços, antes

restritos a camadas médias e altas, ainda que para isso, precisem se valer de longos parcelamentos através de financeiras ou cartões de crédito.

“Cria-se assim um grupo que, segundo minha visão, não tem nome ou categoria definida, e seus integrantes não podem ser considerados pobres ou pertencentes a um estrato popular, pois não se veem assim. É como se pertencessem a outra categoria, talvez uma “camada popular emergente” ou “nova classe trabalhadora” (Souza, 2010) Seus integrantes vivenciaram um aumento de renda devido ao trabalho duro, no entanto almejam pertencer à “classe média” a partir do consumo de produtos prestigiosos e valorizados, mas não possuem habitus de classes média e se esforçam para adquirir os outros capitais além do econômico para se identificarem cada vez mais com o grupo admirado e imitado; assim, o processo de distinção social vai evoluindo conforme vão galgando conquistas de consumo.” (YACCOUB, 2011, p.217)

Em seu artigo intitulado *“Famílias de camadas médias e a escola”* (1995), Maria Alice Nogueira, aborda a relação entre a família das camadas médias e a escola, assunto na época, ainda pouco explorado pela sociologia da educação. A ocupação e o consumo foram citados entre os critérios possíveis para a difícil definição da classe social. Segundo a autora a unanimidade entre os cientistas sociais ao considerarem a classe média brasileira é a *“extrema heterogeneidade desse grupo social”*, o que evoca a necessidade de *“distinguir seus diversos segmentos”*.

Para Souza (2011), o termo mais adequado para definir essa classe seria *“os batalhadores”*, pois, para ele *“classes sociais não são determinadas pela renda – como para os liberais – nem pelo simples lugar na produção – como para o marxismo clássico –, mas sim por uma visão de mundo ‘prática’ que se mostra em todos os comportamentos e atitudes.”* (p.45)

O autor diferencia a nova classe de batalhadores da classe média tradicional descrevendo suas maneiras de pensar, sentir e agir, as quais caminham em sentidos diferentes.

“(…) a realidade cotidiana dessa classe, ou seja, sua visão de mundo ‘prática’ – que se materializa em ações, reações disposições de comportamento e, de resto, em todo tipo de atitude cotidiana concreta consciente ou inconsciente – não tem a ver com o que se entende por ‘classe média’, na tradição sociológica, em nenhum sentido importante. (p.47)

Para ele o emprego do termo “nova classe média” exalta a questão da renda e escamoteia outras dimensões como concepções de vida e comportamento. Segundo o autor, chamar esses novos “batalhadores” de classe média,

“Trata-se de uma interpretação triunfalista que pretende esconder contradições e ambivalências importantes da vida desses batalhadores brasileiros e veicular a noção de um capitalismo financeiro apenas ‘bom’ e sem defeitos. A ideia que se quer veicular é a de uma sociedade brasileira de novo tipo, a caminho do Primeiro Mundo, posto que, como Alemanha, Estados Unidos e França, passa a ter uma classe média ampla como setor mais numeroso da sociedade.” (p.46)

O fato é que desde os primeiros estudos acerca do que seria a classe média para efeito de escolarização, esse grupo social vem crescendo a cada ano. A política econômica brasileira dos últimos dez anos, o atual quadro crescente de formalização do emprego e os incentivos ao consumo, são fatores que impulsionam ainda mais um fenômeno que vem sendo observado por alguns autores (SOUZA & LAMOUNIER, 2010; SOUZA, 2010; NERI 2008 e 2010): a chegada da classe trabalhadora aos patamares da classe média.

Já em 1995, Nogueira apontava a dificuldade de se situar “essas ‘frações inferiores’ das camadas médias na escala de posições sociais.”:

“Alguns [autores] como Sirota (1994), aproximam os comportamentos observados nesses estratos subalternos do terciário daqueles próprios das famílias operárias. Outros, como Bourdieu (1989) e Establet (1987), atribuem-lhes uma posição intermediária entre as classes populares e as frações superiores das classes médias, marcada sobretudo por uma ‘boa vontade cultural’ – própria daqueles que depositam na escola todas as suas esperanças e promoção social – capaz de compensar suas desvantagens culturais.” (p.15)

Deste modo, o processo de escolarização dessas camadas médias emergentes menos intelectualizadas é composto de estratégias de “contra-reprodução”. Pois, diferente, do que expôs Bourdieu (1998 p. 88) quando estudava acerca de camadas médias tradicionais, a nova camada média não quer apenas manter o capital econômico acumulado, ela quer que sua prole a supere no que diz respeito ao capital cultural.

Essa dita “nova classe média”, não é menos estratificada que a própria classe média em si. Ela tanto se aproxima pela semelhança com as camadas operárias quanto com as camadas médias tradicionais. Na verdade ela tem suas próprias peculiaridades, mas demonstra ter alguns aspectos em comum com essas

duas camadas. Isso é característico de um processo de transição, porém, não nos é permitido afirmar – nem queremos – que, como em um processo ascendente, as camadas populares cheguem a ser o que são hoje as camadas médias tradicionais.

4.2

O que dizem os questionários e entrevistas a respeito das famílias?

Com o intuito de caracterizar o contexto social do universo dos participantes da pesquisa, abordarei os dados de natureza demográfica, socioeconômica, e ocupacional das famílias. Para isso foram entrecruzados os dados obtidos pelos questionários e entrevistas.

Desse modo, as características demográficas das famílias foram levantadas a partir das variáveis: parentesco, estado civil, tamanho da prole e religião. As características socioeconômicas pelas variáveis: condições de moradia, renda, quantidade de empregados, bens de consumo e gastos com a escolarização. As características culturais e ocupacionais partiram das variáveis: grau de instrução, hábitos de leitura, profissão, situação de trabalho e posição na ocupação.

Foram distribuídos 100 questionários à escola pública e 60 à escola privada, totalizando 160 questionários. Desse total, 83 questionários retornaram respondidos e foram tabulados, 58 da escola pública e 25 da escola privada, correspondendo a 51% das famílias que possuem pelo menos um filho matriculado no 6º ano de uma das instituições.

O maior número de questionários respondidos partiu da instituição pública. Dos 100 questionários, 58 foram devolvidos, totalizando um índice de 58% de devolução. Na escola privada dos 60 questionários, obtivemos o retorno de 25, totalizando 41% dos questionários distribuídos na instituição.

A apresentação e análise dos dados obtidos a partir do questionário obedeceram às orientações da estatística descritiva de Toledo e Ovalle (1995).

“A estatística não é simplesmente uma coleção de dados (estatísticos) nem constitui um substituto do pensamento abstrato teórico ou do exame minudente dos casos excepcionais. Dessa forma, os métodos estatísticos não se opõem de modo algum, à análise qualitativa dos casos particulares. Ambos os métodos se completam. Além disso, não é correto afirmar-se que a Estatística somente seja

aplicável em presença de um grande número de casos ou que não possa ser usada em estudos exploratórios.” (p.15)

Nesse trabalho optamos por uma análise descritiva não indutiva, evitando que houvesse conclusões equivocadas, pois, de acordo com Toledo e Ovalle,

“O processo de generalização, que é característico do método indutivo, está associado a uma margem de incerteza. A existência da incerteza deve-se ao fato de que a conclusão, que se pretende obter para o conjunto de todos os indivíduos analisados quanto a determinadas características comuns, baseia-se em uma parcela do total de observações. A medida da incerteza é tratada mediante técnicas e métodos que se fundamentam na Teoria da Probabilidade.” (1995 p.16)

Segundo os autores, *“não se deve calcular uma porcentagem a menos que o número que serve de base para o cálculo esteja próximo de 50 ou mais. Se o número de casos for muito pequeno é preferível indicar o número efetivo deles.”* Como o quantitativo de pais entrevistados somava 83 optamos por apresentar a frequência e também o percentual das respostas obtidas.

No entanto, o grupo de entrevistados se subdivide em dois: pais que optaram pela escola pública (58) e pais que optaram pela escola privada (25), nos colocando em um impasse quanto à apresentação dos dados, pois, o número de pais respondentes da escola privada tinha sido pequeno para ser apresentado sobre forma de porcentagem e bastante diferente do quantitativo de pais da escola pública para ser apresentado apenas por frequência.

Portanto, sabendo e expondo as dificuldades dessa análise, esclarecemos que com o intuito de estabelecer uma comparação entre o grupo de pais que escolheu a escola pública e o grupo de pais que escolheu a escola privada, optamos por apresentar os dados através da frequência e da porcentagem. Apresentando sempre, os dados de ambos os grupos tanto de forma separada quanto de maneira agregada. Deste modo, é possível descrever o grupo de entrevistados como um todo e diferenciá-lo por escolha de escola.

4.2.1

Perfil demográfico

Dos responsáveis que responderam ao questionário, 75% são mães e 23 % são pais. Os outros representam apenas 2% do total de respondentes (tabela 1).

Entre os vinte entrevistados, 18 eram mulheres (incluindo as entrevistas com a equipe pedagógica) e 2 homens. Confirmando o que a literatura diz a respeito da divisão do trabalho quanto à educação dos filhos (Essa questão será explorada posteriormente) a mulher desempenha um papel de destaque com relação aos processos de escolarização da prole. Ela está mais “apta” a falar a respeito da relação família e escola, como proposto no caput do questionário (ANEXO 1). É a mãe quem está presente na escola, de modo geral, e é ela quem interfere mais no processo de escolarização dos filhos.

Tabela 1 – Grau de parentesco dos respondentes dos questionários

Parentesco	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Pai	10	17	8	32	19	23
Mãe	46	79	17	68	62	75
Outro	2	4	-	-	2	2
Total	58	100	25	100	83	100

Observando a tabela 2 e 3 é possível perceber que as famílias pesquisadas são compostas em sua maioria por pais casados, com em média dois filhos.

Entre os pais da escola privada, o índice de pais casados (76%) é superior ao da escola pública, sendo nessa realidade, o percentual dividido basicamente em pais casados (51,%) e pais solteiros, separados ou divorciados, somando 44%.

A taxa de natalidade das famílias pertencentes às duas realidades se aproxima. Apresenta um quantitativo maior entre as famílias da escola pública. Em média são dois filhos por família. De acordo com os resultados preliminares do censo de 2010, divulgados pelo IBGE, a taxa de fecundidade do brasileiro vem caindo ao longo dos anos, em 2000 a taxa de fecundidade era de 2,38 por mulher e em 2010 chegou a 1,86 filhos por mulher. A redução da taxa de natalidade, demonstra que esses casais realizam um controle de fecundidade, o que poderia ser considerado uma estratégia econômica para o futuro, tendo em vista os gastos com alimentação e educação. Desse modo, diferente do observado por Bourdieu a respeito dos subproletários (1998, p.89) as famílias pesquisadas já não se encontram “abandonadas a fatalista fecundidade natural”.

“O malthusianismo seria a propensão ao controle da fecundidade. As famílias de classe média, por uma estratégia inconsciente de concentração dos investimentos,

tenderiam, mais do que as das classes populares e mesmo do que as das elites, a reduzir o número de filhos. Bourdieu observa que, de fato, as estatísticas comprovam que as oportunidades de uma vida escolar mais longa estão intimamente associadas – quando se controla todas as outras variáveis – ao tamanho da família.” (NOGUEIRA, 2002 p.25)

Tabela 2 – Estado civil dos pais respondentes

Estado Civil	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Solteiro	18	31	1	4	19	23
Casado	30	51	19	76	49	59
Divorciado ou separado	8	13	4	16	12	14
Viúvo	1	2	-	-	1	1
Outro	1	2	1	4	1	1
Total	58	100	25	100	2	2

Tabela 3 – Quantidade de filhos por família

Quant. de filhos	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Um	8	14	7	28	15	18
Dois	27	46	14	56	41	49
Três	16	28	4	16	20	24
Mais de três	7	12	-	-	7	9
Total	58	100	25	100	83	100

O quantitativo de pais que afirmam professar uma religião é de 87%, quase a totalidade (Tabela 4). Entre eles há predominância da religião cristã com 85% de famílias se declarando católicas ou evangélicas (41% e 44% respectivamente). A religião espírita apareceu em quantitativo não significativo, juntamente com a umbanda somam 2%. Os pais que optaram por não responder ou não possuem uma religião somaram 13% do percentual. A situação religiosa entre os pais da escola privada e os pais da escola pública são próximas. Ambas se diferenciam do percentual nacional de religião que no censo 2000, era distribuído da seguinte forma: católicos, 73,6%; evangélicos, 15,4%; espíritas, 1,3%; umbanda e candomblé, 0,3%; outras, 1,8%; sem religião, 7,4%.

Tabela 4 – Religião

Religião	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Católico	23	40	11	44	34	41
Evangélico	26	45	11	44	37	44
Outra	1	1	1	4	2	2
Não tem ou não respondeu	8	14	2	8	10	13
Total	58	100	25	100	83	100

4.2.2

Perfil socioeconômico

4.2.2.1

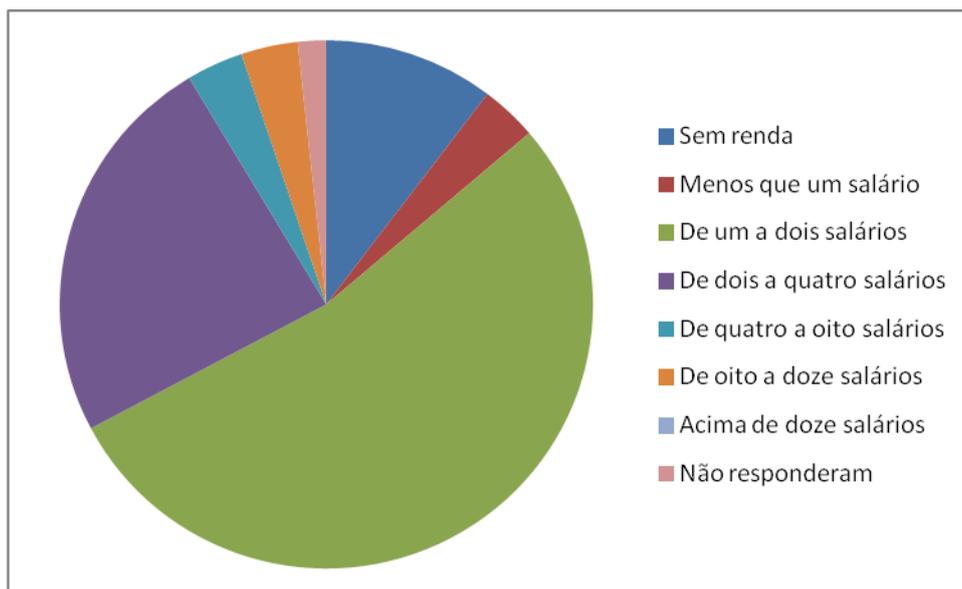
Renda

Em média a renda líquida mensal das famílias situa-se entre um e quatro salários mínimos. Apenas 13% possuem renda superior a esta (Tabela 5).

Tabela 5 – Ganho líquido mensal da família

Ganho Líquido	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Sem renda	6	10	2	8	8	10
Menos que um salário mínimo	2	3	0	0	2	2
De um a dois salários	31	53	2	8	33	40
De três a quatro salários	14	24	11	44	25	30
De quatro a oito salários	2	3	5	20	7	8
De oito a doze salários	2	3	1	4	3	4
Acima de doze salários	0	0	1	4	1	1
Não responderam	1	2	3	12	4	5
Total	58	100	25	100	83	100

Entre as famílias que mantêm seus filhos na escola pública, chama a atenção o quantitativo de famílias sem renda (10%) ou com renda inferior a um salário mínimo (3%) totalizando 13% do universo pesquisado (Gráfico 1). Isso pode ser explicado pelo desemprego ou relações instáveis de trabalho sem vínculo empregatício. A maior fração das famílias vive com renda entre um e dois salários. Com uma margem de dois a quatro salários estão 24% dessas famílias e acima desta faixa estão 6% dessa população.

Gráfico 1 – Renda líquida das famílias que possuem filhos na escola pública

As famílias que matricularam seus filhos na escola privada possuem uma margem de renda superior a das famílias que tem seus filhos na escola pública, de dois a quatro salários (Gráfico 2). Sendo também significativa a faixa de famílias que possuem renda mensal de quatro a oito salários. Fica mais restrito o universo daqueles que ganham acima de oito salários.

Gráfico 2 – Renda líquida das famílias que possuem filhos na escola privada

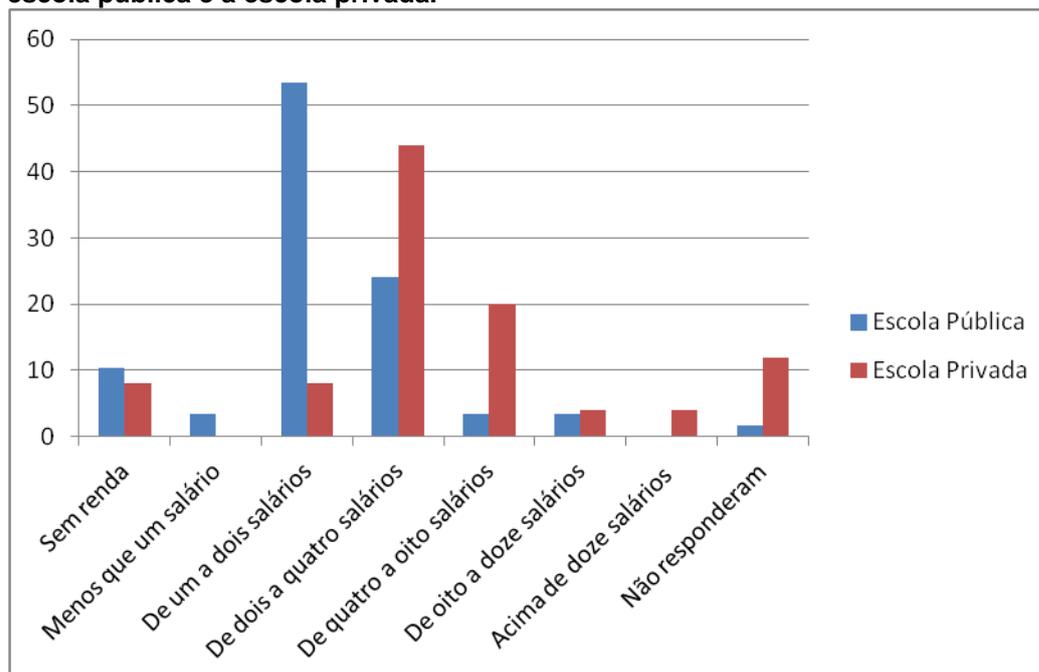
Uma análise comparativa entre as duas realidades (Gráfico 3), nos mostra uma aproximação do quantitativo dos que se declaram “sem renda”, e uma disparidade entre o padrão salarial de cada público. Enquanto as famílias da escola pública concentram sua margem de rendimentos entre um e dois salários mínimos, as famílias da escola privada dispõem de uma renda mensal situada entre dois e oito salários.

De acordo com Neri (2010 p.28), poderíamos dizer que a maior parcela de pais da escola privada encontra-se na classe C tendo em vista que,

“A classe C é a classe central abaixo da A e B e acima da D e E. (...) A faixa C está compreendida entre R\$ 1.064,00 e R\$4.561,00 a preços de hoje na grande São Paulo. Está compreendida entre os 50% mais pobres e os 10% mais ricos. Heuristicamente, os limites da classe C seriam as fronteiras para o lado indiano e para o lado belga da nossa Belíndia.(...) A classe C aufere em média a renda média da nossa sociedade, ou seja, é classe média no sentido estatístico. A classe C é a imagem mais próxima da média brasileira. Dada a desigualdade a renda média brasileira é alta em relação ao resto da distribuição.”

Embora haja uma parcela significativa de famílias da escola pública com patamares de renda semelhante à média das famílias da escola privada, esse grupo está mais bem representado pelas classes C e D que possui seu limite de renda em até R\$ 1.064,00 (aproximadamente dois salários mínimos).

Gráfico 3 – Comparação entre a renda líquida das famílias que frequentam a escola pública e a escola privada.



Isso demonstra que embora, ambos os grupos de famílias tenham semelhanças entre si, a questão da renda os distancia, podendo interferir nas decisões quanto à escolha do estabelecimento de ensino para sua prole.

4.2.2.2 Moradia

De acordo com os dados do questionário, um quantitativo relevante de famílias já possui ou está pagando sua casa própria, totalizando 64% de famílias. Mas, 34% das famílias participantes da pesquisa encontram-se em casas alugadas ou cedidas e, portanto, em situação de maior instabilidade. Não responderam a essa questão, 2% do total dos entrevistados.

Observando as casas no ato das entrevistas foi possível notar que ambos os grupos moram em bairros no entorno ou dentro de comunidades carentes que se constituíram próximo ao centro e/ou aos bairros de elite nos quais estão situadas as escolas da pesquisa. Pode se dizer que as casas são simples, não passam de dois quartos e um banheiro, alugadas ou de parentes, quase sempre sem pintura, com mobiliário antigo e sem garagem.

Tabela 6 – Tipo de moradia

Moradia	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Alugada	13	22	5	20	18	22
Cedida	10	17	0	0	10	12
Própria, pagando	1	2	2	8	3	4
Própria já paga	16	28	7	28	23	28
Própria por herança	16	28	11	44	27	32
Não responderam	2	3	0	0	2	2
Total	58	100	25	100	83	100

De acordo com a tabela 7 as casas possuem em média apenas um banheiro, sendo necessário registrar que entre as famílias da escola privada, 48% possuem dois ou mais banheiros contra 17% das famílias da escola pública.

Tabela 7 – Quantidade de banheiros por moradia

Banheiros	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Um	47	81	13	52	60	72
Dois	9	15	10	40	19	23
Três ou mais	1	2	2	8	3	4
Não Responderam	1	2	0	0	1	1
Total	58	100	25	100	83	100

Nas casas dos respondentes moram em média quatro pessoas. Na escola privada, não foram registradas famílias em cujas moradias havia menos que três pessoas ou mais que cinco. Entre os 58 respondentes da escola pública, havia 19 moradias com cinco ou mais pessoas. (Tabela 8)

Tabela 8 – Quantidade de pessoas morando na mesma casa

Quantidade de Pessoas	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Dois	1	2	0	0	1	1
Três	15	26	12	48	27	33
Quatro	23	40	11	44	34	41
Cinco	14	24	2	8	16	19
Seis ou mais	5	8	0	0	5	6
Total	58	100	25	100	83	100

Em sua maioria (89%), as famílias não possuem empregados domésticos (Tabela 9), apenas 10% dos pais afirmam ter esse tipo de serviço, mantendo uma diarista uma ou duas vezes por semana.

Tabela 9 – Posse de empregados domésticos e frequência do serviço por residência

Empregados	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Nenhum	51	88	23	92	74	89
Diarista, uma ou duas vezes por semana	4	7	1	4	5	6
Uma empregada de segunda a sexta	2	3	1	4	3	4
Não responderam	1	2	1	4	1	1
Total	58	100	25	100	83	100

O percentual de famílias da escola pública que possui um empregado doméstico é maior do que o encontrado entre as famílias que tem seus filhos na escola privada. Tendo em vista, que a renda e o investimento financeiro em educação desse primeiro grupo é menor, pode-se conjecturar que uma das razões

para a família da escola privada não possuir empregados é justamente o gasto com a escolarização de seus filhos.

4.2.2.3 Bens de consumo

Para alguns autores (NERI, 2010; YACCOUB, 2011) a análise dos bens de consumo é uma das formas mais frequentes de classificar o nível social dos sujeitos. A posse de bens duráveis como carro, geladeira, TV entre outros dizem respeito ao potencial de consumo das famílias e a contratação de serviços como TV por assinatura e empregada doméstica revelam a capacidade de sustentabilidade do consumo.

Neri, economista da Fundação Getúlio Vargas, responsável pela pesquisa “A nova classe média” nos mostra que *“todos os indicadores, seja do ponto de vista do consumidor, seja do produtor apontam para o ‘boom’ na classe C: casa, carro, crédito, computador e carteira de trabalho todos em meados de 2008 estão nos seus recordes históricos”*. (2008, p.7)

No entanto, Neri (2010), nos recomenda o cuidado na análise desses dados. Segundo o autor é preciso *“olhar as partes sem perder a visão do todo”* (p.7). Segue abaixo uma descrição de alguns bens de consumo e respectivas quantidades presentes na casa das famílias pesquisadas.

Tabela 10 – Quantidade de aparelhos de DVD e Rádio por residência

Quantidade	DVD						Rádio					
	Escola pública		Escola privada		Total		Escola pública		Escola privada		Total	
	N.	%	N	%	N.	%	N	%	N	%	N.	%
Não tem	5	9	1	4	6	7	6	10	5	20	11	13
Um	42	75	17	68	59	71	25	43	10	40	35	42
Dois	6	10	5	20	11	13	15	26	7	28	22	27
Três ou mais	3	5	1	4	4	5	5	9	3	12	8	10
Não responderam	2	1	1	4	3	4	7	12	-	-	7	8
Total	58	100	25	100	83	100	58	100	25	100	83	100

De acordo com a tabela 10, a posse de DVD (89%) e a de rádio (79%) é algo comum entre o total dos respondentes.

A posse da TV (tabela 11) merece destaque especial, pois, aproximadamente todo o universo pesquisado (98%) possui pelo menos um aparelho, (70%) possuiu mais de dois. Nas falas dos entrevistados, a televisão apareceu na totalidade das famílias entrevistadas. Principalmente, quando perguntamos aos pais a respeito do que seus filhos faziam fora do horário escolar. Parte do tempo livre dos alunos da escola pública e privada é gasto diante da TV. Isso pode ser ilustrado pela fala de Rebeca, mãe de uma aluna da escola privada: *“Ela [filha de Rebeca] acorda cedo, vai pra escola e de tarde é a televisão”*.

Para além da posse do aparelho de TV, a contratação do serviço de TV por assinatura proporciona à família maior quantidade de opções de canais de informação e entretenimento, ampliando suas condições de escolha. A quantidade de famílias que não possuem esse tipo de serviço, 45%, é muito próxima à quantidade de famílias que dispõem desse recurso 47%, isso demonstra que ele ainda não é totalmente acessível a este público. (tabela 11)

Tabela 11 – Quantidade de TVs e pontos de TV por assinatura

Quantidade	TV						TV por assinatura					
	Escola pública		Escola privada		Total		Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N	%	N	%.	N.	%	N.	%	N.	%
Não tem	-	-	1	4	1	1	30	52	7	28	37	45
Um	20	34	3	12	23	28	19	33	14	56	33	40
Dois	22	38	8	32	30	36	2	3	3	12	5	6
Três ou mais	16	28	12	48	28	34	-	-	1	4	1	1
Não responderam	-	-	1	4	1	1	7	12	0	0	7	8
Total	58	100	25	100	83	100	58	100	25	100	83	100

Dentre os 37% dos respondentes que não possuem TV por assinatura 81% são pais de alunos da escola pública enquanto apenas 19% dos pais de alunos da escola privada não dispõem desse tipo de programação. Na escola privada 72% dos pais que participaram da pesquisa possuem pelo menos um ponto de TV por

assinatura, deste modo pode-se dizer que o acesso a esse tipo de consumo ainda não chegou a quem frequenta a rede pública e, diferente da TV aberta, não contempla a totalidade das famílias.

Também é possível observar essa distinção entre as famílias da escola privada e as famílias da escola pública quanto à posse de um microcomputador (Tabela 12), 96% das famílias da escola privada possuem pelo menos um computador chegando à dois aparelhos (28%). Enquanto, 19% das famílias da rede pública não possuem computadores em sua casa. Uma análise de tal situação nos remeteria à falta de acesso às novas tecnologias e das possíveis dificuldades escolares geradas por essa ausência em plena era digital, onde vários trabalhos são realizados por intermédio do computador.

Tabela 12 – Quantidade de computador por famílias

Computador	Escola pública		Escola privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Não tem	11	19	1	4	12	15
Um	36	62	17	68	53	64
Dois	3	5	7	28	10	12
Três ou mais	1	2	0	0	1	1
Não responderam	7	12	0	0	7	8
Total	58	100	25	100	83	100

O acesso à internet também é menor entre as famílias da rede pública, das 19 famílias que marcaram não possuírem computador, 17 pertenciam à escola pública (Tabela 13). Este quantitativo representa um percentual de 29% de famílias que não possuem internet em sua residência. Essa é uma das facetas da exclusão digital.

Tabela 13 – Acesso à internet

Acesso à internet	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Não tem	17	29	2	8	19	23
Um	31	53	19	76	50	60
Dois	0	0	3	12	3	4
Três ou mais	1	2	1	4	2	2
Não responderam	9	16	0	0	9	11
Total	58	100	25	100	83	100

Para análise da posse de eletrodomésticos foram escolhidos dois itens: a geladeira (Tabela 14), essencial à vida urbana na atualidade para conservação dos

alimentos, e máquina de lavar (Tabela 15) como um eletrodoméstico criado com o intuito de poupar tempo e esforços na lavagem de roupas.

A totalidade das famílias respondentes possui geladeira, 96%, das quais 13% possuem duas. De acordo com os dados divulgados pelo IBGE 93,7% das famílias brasileiras possuem geladeira em sua residência.

Tabela 14 – Posse de geladeira

Geladeira	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Um	50	86	19	76	69	83
Dois	5	9	6	24	11	13
Não responderam	3	5	0	0	3	4
Total	25	100	25	100	83	100

A posse de máquina de lavar roupas, 88% de acordo com a tabela 15, está acima da média nacional (47,3% dos domicílios do Brasil em 2010 possuíam o aparelho), demonstrando que as classes populares e nova classe média já conseguem obter maior comodidade para o seu dia-a-dia. Também é possível relacionar o consumo de máquinas de lavar ao estilo de vida dos pesquisados caracterizado por grande quantitativo de acúmulo de trabalho secular e doméstico, já que não são possuidores, em geral, de empregados domésticos. (Observar tabela 9).

Tabela 15 – Posse de máquina de lavar roupa

Máquina de lavar roupa	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N	%	N.	%
Não tem	5	9	1	4	6	7
Um	47	81	21	84	68	82
Dois	2	3	3	12	5	6
Não responderam	4	7	0	0	4	5
Total	58	100	25	100	83	100

O carro é o bem que representa maior mobilidade para a família, facilita o deslocamento, favorece a possibilidade de frequência a ambientes culturais e nesse segmento incrementa o status social. Na tabela 16 é possível observar a posse dos carros pelas famílias.

Tabela 16 – Quantidade de carros por famílias

Carro	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Não tem	31	53	8	32	39	47
Um	15	26	9	36	24	29
Dois	2	3	5	20	7	8
Três ou mais	1	2	3	12	4	5
Não responderam	9	16	0	0	9	11
Total	58	100	25	100	83	100

Esse grupo está dividido entre os 47% que não possuem carro e 42% que possuem pelo menos um carro, 5% deles chegando até mesmo à posse de três carros ou mais. O grau de abstenção dessa questão foi de 11 pontos percentuais o maior entre as questões de posse de bens de consumo.

A significativa quantidade de famílias que não possui carro pode ser explicada pelo elevado custo que a compra e manutenção desse bem representa para as famílias. Por outro lado, os parcelamentos, financiamentos e incentivos à compra podem justificar a posse do veículo por 42% dos participantes da pesquisa. Enquanto na escola privada 32% não possuem carro e 68% possuem pelo menos um, na escola pública ocorre quase o inverso, 63% não possuem carro contra 37% que possuem pelo menos um. Pelas observações no colégio e na residência onde foram realizadas parte das entrevistas, foi possível notar que quando possuem carro, ele costuma ser um carro popular, e que algumas casas não possuem garagem, demonstrando não terem sido planejadas para receber o veículo.

A respeito do transporte utilizado pelos pais para conduzir seus filhos à escola, é válido destacar a observação feita no diário de campo:

“Faltam quinze minutos para hora da entrada, já há muitos alunos no pátio externo, eles chegam, em geral, a pé acompanhados pelos pais ou de van. Alguns vêm sozinhos. É impressionante a quantidade de vans que estacionam na porta, elas só não congestionam mais o trânsito da estreita rua de mão dupla, porque são rápidas ao deixar os alunos na escola.” (registro no diário de campo, escola privada 14/10/2011)

Pais que trabalham, moram longe e não possuem tempo ou carro próprio para conduzir seus filhos à escola contratam transporte escolar (nem sempre regularizado) para levar e buscar seus filhos na escola. Essa além de representar

mais uma despesa relacionada à educação, é uma marca da falta de tempo imposta pela grande carga de trabalho das camadas populares e nova classe média.

*“Abdico, por exemplo, do tratamento dentário. Por causa da escola para não está atrasando, né? A escola dela está um mês atrasado. Por que ele [o pai] ficou desempregado. Aí tá um mês atrasado a escola, né? Eles não levam lanche para a escola. Não levam dinheiro para lanche na escola. Ele só vai com... Ele só vai com o café da manhã e ela só vai com almoço. Eles só vão comer quando voltam para casa, porque a gente não tem como todo dia dar dois e cinquenta, três reais para cada um poder levar. **E ela eu ainda pago o transporte para ir para a escola.** Por que se você vê, se você viu a distância, é um pouco distante para poder levar. E esse pedaço daqui para lá. É um pedaço que não é favorecido. É um pedaço que não tem marquise. Não tem segurança, ali na praça tem vários acidentes. Dia de calor, é muito calor então ela chega a escola com muita dor de cabeça. Por causa do sol. E quando é chuva é muita chuva. Já peguei chuva acima do joelho.” (Ana Carla, escola privada)*

4.2.2.4 Despesa com educação

O gasto mensal em educação (tabela 17) gira em torno de R\$100 a R\$300 reais. O maior quantitativo de pais que afirma não gastar nada com a escolarização de seus filhos está na escola pública, representando 76% desse percentual. O gasto dos pais de alunos da escola privada está predominantemente no intervalo de R\$ 101,00 a R\$510,00, enquanto a despesa dos pais da escola pública chega ao máximo a R\$300,00. Apenas dois pais afirmaram investir mais do que isso.

Tabela 17 – Gasto mensal com a escolarização da prole

Gasto mensal em reais	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Nada	13	22	1	4	14	17
até 100	21	36	3	12	24	29
de 101 a 200	10	17	5	20	15	18
de 201 a 300	10	17	7	28	17	20
de 401 a 540	1	2	5	20	6	7
de 540 a 1.080	1	2	2	8	3	4
Acima de 1.080	0	0	1	4	1	1
Não responderam	2	4	1	4	3	4
Total	58	100	25	100	83	100

De acordo com a tabela 18 os pais, em geral, apontaram que o valor empregado na escolarização de seus filhos não lhes impõe sacrifícios. Ao que

parece esse público considera bem os limites de suas posses ao investir na educação dos filhos. Seus gastos estariam dentro da medida do que podem pagar.

Tabela 18 – Grau de sacrifícios à família advindos da escolarização da prole

Escolarização impõe Sacrifícios	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Sim	12	21	9	36	21	25
Não	45	77	14	56	59	71
Não responderam	1	2	2	8	3	4
Total	58	100	25	100	83	100

Contudo, nas entrevistas, as falas indicam que alguns pais que matricularam seus filhos na escola privada não podem custear as mensalidades, passando por grande sacrifício financeiro:

“É melhor colocar ela no Colégio Fogo até conseguir bancar, né? Porque infelizmente a hora que não conseguir mais a gente vai ter que ir para o colégio público. A razão maior [de colocar na instituição privada] é essa, a razão é o ensino do Fundamental, de ela ter conseguido o Ensino Médio [bolsa] por causa da diretora do colégio.” (Elizangela, escola privada)

Até mesmo os pais da escola pública relatam atravessar alguns percalços no custeio de materiais escolares para os filhos:

“Eu vou comprar o material dele só de artes. Eu vou comprar esse material dele. Eu estou para comprar desde o mês passado. Aí eu não consegui comprar, né? Porque é uma falta de respeito [sinal que significa dinheiro]. Aí em vez em quando o papai pode dá, mas quando não dá o papai vai empurrando com a barriga até onde que vai dar.” (Gilmar, escola pública)

4.2.3 Perfil cultural e ocupacional

Para traçarmos o perfil cultural e ocupacional da população pesquisada, utilizaremos os dados obtidos a partir das questões encontradas no bloco 6 do questionário, denominado Perfil Cultural e Profissional do Responsável (ANEXO 1). As variáveis consideradas na análise serão: grau de escolaridade, nível de leitura, situação de trabalho, ocupação, posição nesta ocupação, entrecruzadas com os relatos coletados durante as entrevistas, em especial, os relacionados às práticas culturais desenvolvidas pelas famílias.

O trabalho em tempo integral é a situação profissional predominante, com 36% dos casos. Sendo significativo também o percentual de donas de casa, 23%, e trabalhadores em tempo parcial, 15%. Os aposentados representam 7% dos responsáveis, seguidos dos incapacitados e estudantes que somam 4%.

Tabela 19 – Situação de trabalho dos pais

Situação de trabalho	Pública		Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Aposentado ou pensionista	4	7	2	8	6	7
Incapacitado	1	2	-	-	1	1
Estudante	1	2	-	-	1	1
Desempregado	6	10	2	8	8	10
Dona de casa	15	26	4	16	19	23
Trabalha em tempo parcial	8	14	4	16	12	15
Trabalha em tempo integral	20	34	10	40	30	36
Estuda e trabalha	1	2	1	4	2	2
Não responderam	2	3	2	8	4	5
Total	58	100	25	100	83	100

Há uma grande variabilidade de profissões, no entanto, áreas como comércio/vendas (9 pais), prestação de serviços (13 pais), educação (6 pais) e transporte (5 pais) merecem um destaque como áreas de maior atuação.

Quanto à posição na ocupação a maior parte dos respondentes se declarou empregado com carteira assinada (32%), de acordo com Neri (2010) o crescimento do emprego formal é o principal símbolo do surgimento da classe média brasileira.

Contraditoriamente destacou-se também o percentual dos que se dizem autônomos sem registro profissional, os chamados de “por conta própria” (22%) os quais adicionados aos autônomos com registro profissional (10%), e aos empregados sem carteira assinada (5%) representaram 37% dos respondentes, valor superior aos que possuem carteira assinada. Esse elevado índice a despeito de todo o crescimento econômico da década pode ser explicado pela baixa qualificação observada mais adiante na tabela 22.

Os funcionários públicos representam um percentual de 7%. A minoria dos respondentes é empresária ou exerce cargo de direção em empresa, 4%.

Tabela 20 – Posição na ocupação

Posição na ocupação	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N	%	N	%	N.	%
autônomo com registro profissional	5	9	3	12	8	10
autônomo sem registro profissional	13	22	5	20	18	22
empresário ou cargo de direção na empresa	1	2	2	8	3	4
empregado com carteira assinada	21	36	6	24	27	32
empregado sem carteira assinada	3	5	1	4	4	5
Funcionário público	4	7	2	8	6	7
Não responderam	11	19	6	24	17	20
Total	58	100	25	100	83	100

A explicação para posições subalternas ou de grande instabilidade, como autônomos e empregados sem carteira assinada, pode estar na baixa escolarização apresentada na tabela 22. Somam 41% sem terem completado a Educação Básica, entre os quais 20% encontram-se ainda sem completar o Ensino Fundamental. Apenas 57% concluíram a Educação Básica e 18% possuem o Ensino Superior completo.

Tabela 21 – Escolaridade dos pais respondentes

Escolaridade	Escola Pública		Escola Privada		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Entre a 1ª e a 4ª série do E.F.	7	12	0	0	7	9
Entre a 5ª e a 8ª série do E.F.	6	10	3	12	9	11
Ensino Fund. completo	6	10	1	4	7	9
Ensino Médio incompleto	9	16	1	4	10	12
Ensino Médio completo	21	36	10	40	31	37
Ensino Superior incompleto	2	4	0	0	2	2
Ensino Superior completo	6	10	9	36	15	18
Não responderam	1	2	1	4	2	2
Total	58	100	25	100	83	100

A baixa escolaridade também pode ser fator explicativo para o baixo desenvolvimento de práticas culturais e de leitura.

Entre os vinte pais entrevistados, três apresentaram relatos de acesso à práticas culturais. Viviane, mãe/professora da escola privada, tem o hábito de conduzir seus filhos à biblioteca e a exposições durante as férias. Ana Carla, mãe de alunos também da escola privada, diz ter feito um grande esforço físico (ela sofre de depressão e encontra dificuldades para sair) e financeiro para acompanhar seus filhos à Bienal. Anita, avó de alunos da escola pública, conduz seus netos à

escola de samba mirim, e ensaios de “caipira” e em ambos exerce o papel de coordenadora.

Nos relatos ficou implícito que as escolas tentam suprir essa ausência de práticas culturais familiares, organizando, conduzindo os alunos para eventos culturais como a Bienal do livro, e abertura da escola aos sábados (Escola Aberta) para aprendizagem de dança e artes marciais, como balé e capoeira.

Observando os gráficos 4 e 5, é possível notar que os hábitos de leitura dos pais que optaram pela escola pública e os que optaram pela escola privada, são bastante semelhantes:

Gráfico 4 – Frequência de leitura dos pais da escola pública

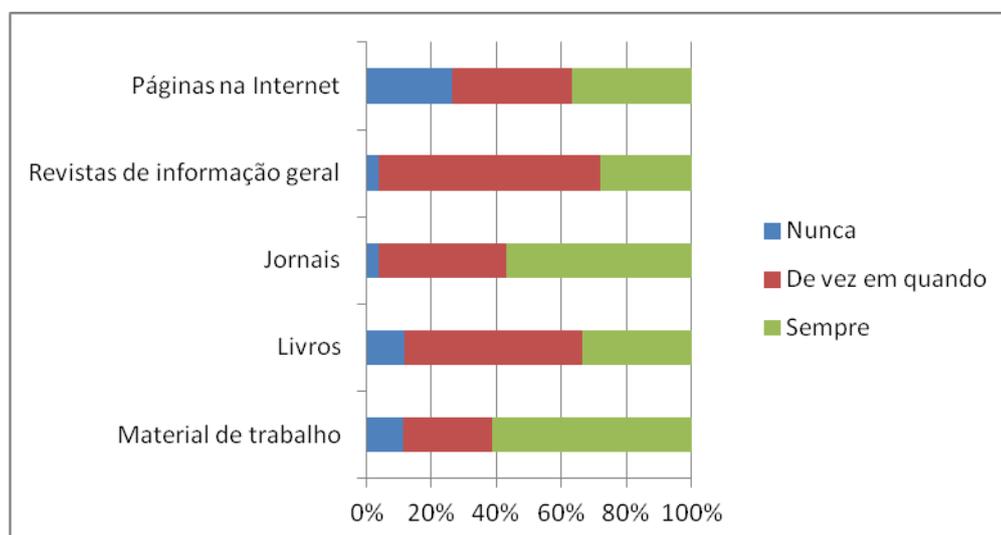
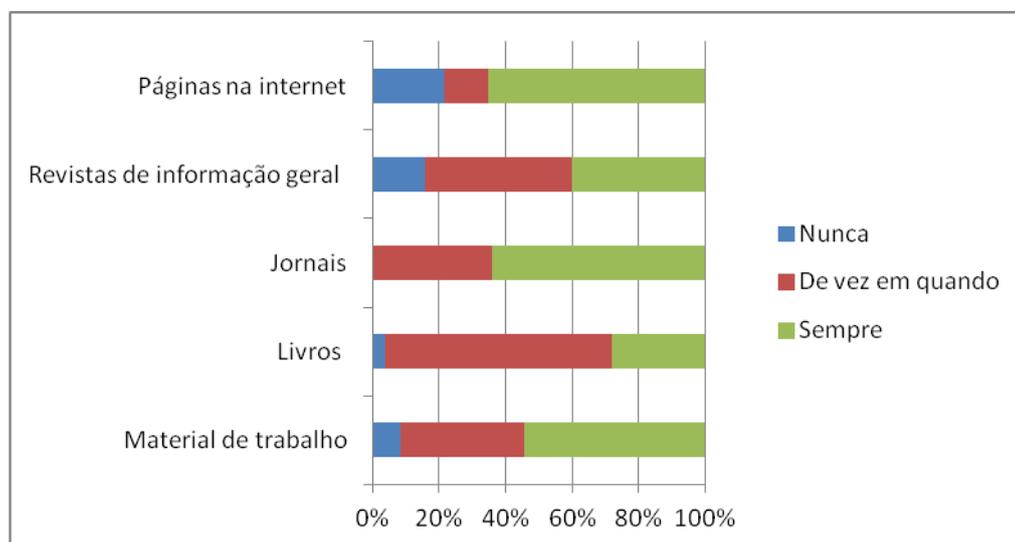


Gráfico 5 – Frequência de leitura dos pais da escola privada



A leitura de jornais e material de trabalho, é destaque nas duas realidades. Porém, entre os pais da escola privada o material de leitura de maior frequência são as páginas da internet, diferente dos pais da escola pública, cuja frequência de leitura desse material é mais esporádica. Livros e revistas de informação geral são lidos com menor frequência por ambos os grupos.

4.2.3.1 Atividades extracurriculares

Para entretenimento dos filhos, as famílias pesquisadas utilizam a TV, a internet (em casa ou na lan house), práticas esportivas e as “brincadeiras infantis de rua”. O desenvolvimento de relações sociais fica a cargo do convívio escolar e religioso.

O exercício das práticas culturais e desenvolvimento de atividades extracurriculares direcionadas (esporte, cursos, passeios) é restrito às condições de trabalho e renda das famílias.

“Olha a gente gosta muito de praia, pracinha, e geralmente o pai trabalha muito, e eles cobram muito também, principalmente ela que está grandinha. Mas a gente vai quando pode. Sexta-feira mesmo, ele trabalhou e quatro horas nós fomos para o shopping com eles e passeamos um pouquinho. O que eles fazem é isso, o que a gente pode, né?” (Berenice)

Porém, tal restrição não apenas se dá pela falta de recursos financeiros, mas também pelo cansaço e falta de tempo advindo da grande carga de trabalho executado pelos pais.

“(...) passeamos e na medida do possível tentamos ter uma vida social, tanto de visitar os parentes, como pra procurar lazer mesmo. A gente tenta na medida do possível que é tudo muito caro e o sábado e o domingo é muito curto, né?” (Vanessa)

O número de filhos também interfere no tamanho do investimento que se possa fazer sobre a prole. Quanto mais pessoas em casa, mais trabalho deverá ser realizado em prol do sustento da família e menos tempo e dinheiro se obterá para atividades extras. É o que fica explícito na fala de Berenice:

Curtíamos mais, quando era só um, né? Quando era só ela curtia bastante, mas agora... Todo final de semana, saía, agora, como é só ele que trabalha, aí já fica mais difícil.

Tudo é ele, tudo é ele, então... Aos sábados geralmente ele trabalha, tem vezes... a maioria das vezes quando ele está apertado lá ele trabalha sábado e domingo, né? Aí já fica mais cansativo né? É só ele que leva a família, quando ele faz 'serão' é um dinheirinho a mais, né?

Alguns responsáveis como a mãe/professora, Vanessa, e Ana Carla, parecem estar mais atentos à “necessidade” de determinadas práticas culturais com vistas à introdução de seus filhos em um universo mais letrado:

“Ah, nós vamos ao shopping, nós vamos ao teatro, vamos ao cinema, vamos visitar parentes, eles adoram o zoológico, vamos à praia, vamos muito à praia. Quando nós estamos de férias eu gosto muito de levar eles nessas bibliotecas públicas, essa aqui do Centro é muito boa, época de férias tem muito evento voltado pra leitura, pra literatura, pra teatro, a gente tenta diversificar um pouquinho.” (Vanessa)

“(...) eu fiz esse sacrifício para levar na bienal. Foi até legal a gente conheceu o Zivaldo, o Maurício de Souza...” (Ana Carla)

Em geral, os pais pretendem matricular seus filhos em cursos de inglês e/ou informática, com vistas ao mercado de trabalho. Mas os custos altos desses cursos os impedem:

“Eu penso em botar num inglês que pede muito, alguma coisa pra ela ter mais assim informação, né? Também pra preparar pro futuro dela, né? Um inglês, um espanhol, uma informática.” (Bianca)

“Hoje pra mim falta um curso de línguas, né? Eu gostaria muito, porque a gente vê aí que o mercado de trabalho está tendo como critério eliminatório uma língua, um Inglês, talvez um Francês ou um Espanhol, hoje está fora do meu orçamento, que a gente sabe que um curso bom de línguas pra você custear aí esses seis ou sete anos de mensalidade e de material didático pra dois é um custo alto. Hoje eu não tenho essa condição, mas eu acho que mais pra frente é um investimento necessário, pra quando eles já tiverem lá entrando pra faculdade, já tá dominando alguma outra língua, já tendo um curso preparatório, onde esse curso possa colocá-los em uma boa universidade, Então, na série que eles estão hoje, sexto ano e oitavo ano, o que falta a meu ver é um curso de línguas”. (Vanessa)

As práticas esportivas e culturais mais comuns entre essas famílias são o futebol, a natação, e a dança oferecidos gratuitamente por projetos comunitários e centros-sociais relacionados a políticos da região. Contudo, o dispêndio advindo dessa prática (compra de materiais e roupas adequadas), deixa os pais indecisos quanto ao melhor investimento a ser feito: o esporte ou um curso. Isso se dá no caso de Bianca, já que não há recurso para custear ambos, precisa priorizar um deles: *“O pai dela quer botar pra fazer algum esporte e depois um curso. Se não der pra pagar os dois, um esporte.”*

O grande empecilho à prática de atividades extraescolares dirigidas, é o tempo e o custo para levar e trazer a criança, pois para tal os pais precisariam conciliar trabalho, horário escolar e atividades extra dos filhos. *“Até queria colocar mesmo, mas eu não estava achando assim um horário legal, só tinha o sábado. Ano que vem eu vou ver se consigo colocar ela.” (Rafaela).*

Em geral, quem se mobiliza para encaminhar as crianças a alguma atividade é a mãe. Neste grupo, elas se destacam como responsáveis pela condução e acompanhamento dos filhos nas atividades educativas de uma forma geral, especialmente as realizadas fora do ambiente escolar.

“Não eles não fazem [atividades extraclasse], no momento não, porque eu estou esperando ele ficar assim maior, mais maduro pra não me acarretar muita tarefa, porque eu vou ficar sobrecarregada. Porque aqui em casa quem faz tudo sou eu.” (Maria Inês)

Após termos traçado o perfil das famílias participantes da pesquisa é preciso ressaltar que apesar de se tratarem de grupos com muitas semelhanças e estarem inseridos no que vem sendo denominado nova classe média, as famílias que frequentam a escola pública e as famílias que frequentam a escola privada guardam algumas importantes diferenças entre si. Um exemplo é a renda. As famílias que tem seus filhos matriculados em escolas privadas possuem renda superior à renda das famílias que mantêm seus filhos na escola pública. A posse dos bens também é mais elevada, entre outras diferenças.

Esse fato, nos leva mais uma vez a refletir sobre a estratificação da camada média e por que não dizer “a segmentação da segmentação” que ao longo do trabalho se observará responsável também pelo tipo de instituição escolhida para a educação da prole, influenciando diretamente na qualidade da escolarização proporcionada aos filhos.

O fato de terem os filhos matriculados em uma escola pública ou em uma escola privada os diferencia entre si. Socialmente falando, o segundo grupo estaria em uma escala econômica superior ao primeiro, muito embora a instituição pública a qual se refira esta pesquisa seja também considerada pelo grupo

socialmente superior a outras unidades da mesma rede de ensino. (A escola obteve o maior IDEB entre as escolas estaduais da cidade ano de 2009).

São famílias que progressivamente têm acesso a educação. Os pais não tiveram oportunidade de estudar, ainda assim através do trabalho, vivenciaram a mobilidade social face aos seus pais, e desejam proporcionar maior longevidade escolar aos filhos com vistas à superação de sua própria condição social. São, em geral, oriundos da escola pública, ou foram bolsistas em escolas privadas.

A fala de Zélia (bisavó responsável por dois irmãos que estudam na escola pública) vem demonstrar a recente proximidade da família com o processo de escolarização, pois quando perguntada sobre a oportunidade de estudar, ela responde: *“Tiveram, meus filhos tiveram, minhas netas tiveram, já eu não tive a oportunidade de estudar. Eu só peguei o primário daquele tempo passado, você vê que não era grandes coisas.”*.